

LITERATURA INDÍGENA EM PERSPECTIVA: RELAÇÕES ENTRE POLÍTICA LINGUÍSTICA E ENSINO DE LITERATURA

INDIGENOUS LITERATURE IN PERSPECTIVE: RELATIONS BETWEEN LINGUISTIC POLICY AND LITERATURE EDUCATION

Douglas Rosa da Silva **1**
Thayane Cazallas do Nascimento **2**
Sandro Bez **3**

Mestrando em Literatura, com ênfase em Teoria, Crítica e **1**
Comparatismo no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul (PPGLet/UFRGS). Bolsista de Mestrado do CNPq.
E-mail: douglasrosa.per@gmail.com

Doutora na área da Educação pela Universidade do Vale do Rio dos **2**
Sinos (UNISINOS-RS). E-mail: thaycazcaz@gmail.com

Graduado em Letras - Português/Inglês pela Universidade do Vale do **3**
Rio dos Sinos. E-mail: sandrobez@hotmail.com

Resumo: O presente relato de caso se ocupa em descrever uma pesquisa qualitativa inscrita no eixo da pesquisa-participante. O objetivo geral do estudo é promover a compreensão de novas concepções sobre as línguas e as culturas indígenas, buscando, desse modo, visibilizar às escrituras e às temáticas presentes no bojo cultural desses povos. O estudo busca tornar efetiva essa reflexão em ambientes não-indígenas. Com a finalidade de atingir o objetivo mencionado, se utilizou o momento de leitura na biblioteca municipal como ocasião de reflexão linguística e cultural. Essa reflexão se originou da leitura de obras literárias que abordam e centralizam a temática indígena em sua produção. Por meio de indagações e do estudo de narrativas infantis indígenas, os estudantes puderam contatar outras noções e outras perspectivas sobre a formação cultural e linguística do país. Apoiados na discussão das políticas linguísticas e do ensino de literatura, o estudo alia os dois campos teóricos a fim de potencializar os efeitos dessa ação, evidenciando a ideia de intervenção linguística por meio do ensino de literatura.

Palavras-Chave: Literatura Indígena; Política Linguística; Ensino de Literatura.

Abstract: This case report is a description of a qualitative research inscribed on the research-participant axis, which aims to promote the understanding of new conceptions about the indigenous language and culture as a way of giving visibility to the indigenous scriptures and themes within the schools and in non-indigenous environments. In order to reach this goal, the moment of reading in the library was used as a moment of linguistic and cultural reflection based on literary works that approach and center the indigenous theme in its production. Through inquiries and the study of short Indian children's narratives, students were able to contact other notions and other perspectives on the cultural and linguistic formation of the country. Based on the discussion of linguistic policies and literature teaching, the study combines the two theoretical fields in order to potentiate the effects of this action, evidencing the idea of linguistic intervention through literature teaching.

Keywords: Literatura Indígena; Política Linguística; Ensino de Literatura.

Introdução

O presente trabalho é um estudo de caso que propõe a relação entre Política Linguística¹ e Literatura Indígena aplicando-as ao contexto escolar. O intuito do estudo é evidenciar reflexões advindas de produções literárias que partem de contextos indígenas e que circulam em domínios não-indígenas. Com fins de atingir o intuito mencionado, o presente artigo apresenta o planejamento e as ferramentas que compuseram esse estudo. Espera-se, com isso, que a discussão de cunho educativo-reflexivo acerca das línguas indígenas nos espaços educativos obtenha notoriedade.

Este estudo se origina de indagações que podem ser evocadas por qualquer sujeito em contato com o meio escolar, como por exemplo: Por qual razão é importante elucidar e contatar as línguas indígenas não apenas em suas respectivas comunidades de uso, mas também em outras comunidades linguísticas? Quais as contribuições que as variadas línguas indígenas ainda em uso fazem na língua majoritária do Brasil, o Português Brasileiro? Como o ensino das línguas indígenas, em contextos não-indígenas, pode contribuir para uma inédita acepção daquilo que, socialmente e culturalmente, se entende por língua?

As etapas metodológicas do estudo se desdobram, num primeiro momento, na centralização e leitura do livro *KarúTaru, o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. São utilizados como eixos norteadores de exploração da leitura aspectos tais como a estrutura da obra, o conteúdo da narrativa e o vocabulário empregado. Em um segundo momento, é apresentada uma análise alicerçada na revisão bibliográfica sobre o campo das Políticas Linguísticas no Brasil, aliando-as, por fim, ao domínio literário.

O estudo que nessas páginas é relatado foi desenvolvido em uma mostra para crianças e adolescentes realizada em uma biblioteca², localizada na região metropolitana do Estado do Rio Grande do Sul, pelo período de uma semana. Além da obra central desse estudo, *KarúTaru*, outros livros, como por exemplo *Kaba Darebu* (2001), *Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2001) e o *Diário de Kaxi: um Curumim descobre o Brasil* (2001), também foram utilizados, pois estão de igual modo situados na temática indígena. Ao fazer uso da literatura produzida em contextos indígenas, se tinha como objetivo apresentar a diversidade da produção indígena no Brasil para os alunos, bem como tornar diversa a opção para o público visitante da mostra na Biblioteca. Essa ação de intervenção na biblioteca feita pelos pesquisadores é denominada de ação de *consciência linguística*.

Objetivos estruturadores da experiência

Parte-se do pressuposto de que as políticas linguísticas estão articuladas junto às produções literárias indígenas, sejam elas desenvolvidas *in vivo* ou *in vitro*. Considera-se também que essas políticas têm, acima de tudo, poder para tornar visível parte de uma pauta que, geralmente, pouco é pensada e discutida no âmbito social, como as línguas dos indígenas e de suas respectivas comunidades. Por essa razão, o objetivo geral desse estudo é pensar acerca das heranças linguísticas deixada pelos povos indígenas como um intenso vínculo sociocultural que reconfigura a noção de língua no contexto brasileiro. É relevante pontuar que, ao longo da história nacional, as relações entre a cultura brasileira e as culturas indígenas foram fragmentadas e apagadas pelo processo de colonização. Esse apagamento ocorreu devido à implantação de uma suposta “unificação” cultural que consumou e ainda consuma a derrubada e o não reconhecimento das riquezas inseridas na cultura brasileira por meio dos povos indígenas. As culturas indígenas integram a cultura brasileira que se apresenta como unitária, imperativa. O que se nota é que o sistema cultural brasileiro é pouco gregário e acolhedor aos diferentes e variados eixos culturais presentes no país. Em consequência disso, a escola, e todo o sistema de ensino, frutos de um sistema não-reflexivo, acabam por não fomentar uma consciência linguística capaz de englobar as línguas e os diversos modelos culturais linguísticos em circulação no Brasil.

¹ Em conformidade com os princípios apontados em Jean-Louis Calvet (2007), no contexto deste estudo entende-se que Política Linguística como uma ação que intervém sobre e nas línguas, tendo um caráter “eminente social e político” (CALVET, 2007, p. 36).

² Mantendo uma relação ética ao Estudo de Caso proposto e com a finalidade de preservar a identidade do local, a denominação e nem a localização da biblioteca será revelada, em respeito às Diretrizes Municipais vigentes.

Assentado nessa leitura e no geral objetivo já mencionado, é exibido um panorama dos objetivos específicos que auxiliaram e embasaram o desenvolvimento dessa pesquisa, com o intento de atender ao objetivo central delimitado pelo estudo. Desse modo, o leitor conseguirá depreender com eficácia as intenções que sustentam um trabalho que tem o intuito de falar de produção do conhecimento acerca das línguas indígenas em ambientes em que a língua destas comunidades não circula. A listagem, logo abaixo, expõe como os termos deste estudo se relacionam entre si, produzindo, desse modo, o amplo objetivo dessa investigação:

I - Buscar produções literárias e fontes (documentos, cartas, etc.) que tratem da temática indígena, com a intenção de evidenciá-los tanto no contexto público (Biblioteca Municipal) quanto no contexto escolar;

II - Oportunizar tanto para os alunos participantes das atividades na biblioteca quanto para o público visitante do espaço, um acervo direcionado e delimitado para a temática indígena na biblioteca. A composição desse acervo advém do resultado das buscas em fontes e obras. Espera-se, com isso, que as histórias passem a contar com nomenclatura própria em instituições públicas que trabalham com divulgação de informação, como a biblioteca (tanto a biblioteca pública, quanto a biblioteca escolar);

III - Analisar, a partir do momento de leitura, como são utilizados os livros de autoria indígena direcionado para o público infanto-juvenil. São focalizadas, nesta situação, as turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental que visitam a biblioteca;

IV - Produzir, a partir do momento de leitura como os/as alunos/as que participaram da Mostra de Literatura Indígena, momentos de reflexão para pensar as línguas, as culturas e os aspectos (estrutura, vocabulário, diálogos, etc.) das narrativas de autoria indígena. Essa dinâmica de análise ocasiona em uma *Política Linguística* que parte da literatura produzida dentro de uma determinada comunidade indígena para um público amplo (integrantes de outras comunidades de fala).

O livro utilizado no momento da leitura e do compartilhamento tem autoria de Daniel Munduruku. Esse livro também integrou a exposição no acervo da biblioteca durante a semana da Mostra de Literatura Indígena. Intitulado *KarúTaru o pequeno pajé*³, o livro conta a história de um menino de 9 (nove) anos que está prestes a executar uma tarefa importante: ser o pajé de sua aldeia e, com isso, conquistar a confiança e a admiração de seu povo na tribo.

Os outros livros que integraram a Mostra de Literatura Indígena passaram por um rigoroso processo de seleção capitaneado pelos pesquisadores/as. A seguir, estão reunidos os critérios que foram utilizados para englobar os livros pertencentes à mostra, sendo destacado que fossem: (a) livros de autoria indígena direcionados para crianças e adolescentes; e (b) livros com narrativas curtas, estando aptas para uma breve contação de histórias dentro da ação da *Mostra de Literatura Indígena*.

Na seleção dos livros, foi considerada também a autoria, e se chegou ao consenso de que o trabalho de Daniel Munduruku atendia às delimitações previstas nos critérios de seleção. Ademais, é indispensável reafirmar que o escritor é notoriamente reconhecido dentro de sua respectiva comunidade linguística e cultural, além de ser uma referência para as discussões no domínio da Literatura Indígena. Munduruku, além de ser autor dos livros utilizados na Mostra de Literatura Indígena, é membro da comunidade indígena denominada Munduruku (em algumas grafias, também é possível encontrar como Mundurucu). Essa comunidade se faz presente, em especial, nos estados do Amapá e do Pará, sitos no norte do Brasil.

As comunidades indígenas Munduruku atuam ativamente na esfera política. Um dos exemplos que podem ilustrar a atuação política dessa comunidade é quando ela se opõe aos projetos de poder dos garimpeiros que ocupam os territórios em que os Munduruku vivem. Nesse confronto, as comunidades Munduruku reivindicam, acima de tudo, a integridade do seu território. Na *Carta dos Munduruku ao Governo*⁴, é possível encontrar informações precisas sobre essa situação. A carta é a pública explicitação das lamentáveis ocorrências que estão ocorrendo nas terras habitadas por essas comunidades.

³ MUNDURUKU, Daniel. *KarúTaru: o pequeno pajé*. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

⁴ A carta referida está disponível em: <https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/munduruku/carta_lugares_munduruku.pdf>. Acesso em 14 out. 2016.

No documento intitulado *Línguas Indígenas Brasileiras*, organizado por Aryon Dall'Igna Rodrigues, constam mais informações acerca da língua Munduruku. Nesse documento, estão evidentes as informações de que a língua Munduruku pertence ao tronco linguístico da língua TUPI, e é da família linguística *Mundurukú*. Essa língua tem seu maior número de falantes em comunidades que vivem no estado do Pará, e o número estimado de falantes é de 10000 (dez mil).

Já ao pesquisar informações adicionais a respeito do autor dos livros que integraram a Mostra de Literatura Indígena, é possível encontrar que Daniel Munduruku também é filósofo e possui doutoramento em Educação. O escritor, de igual modo, transita entre as áreas da Educação Indígena e da Literatura Indígena, produzindo significativos materiais em ambos os segmentos. Munduruku tem em torno de 47 (quarenta e sete) produções voltadas para o público infantil, juvenil e educadores e leitores/as em geral. A partir do material literário que produz e vem produzindo de forma incessante, o autor e pesquisador já recebeu diferentes prêmios literários e acadêmicos.

Metodologia

A pesquisa tem caráter qualitativo e é desenvolvida no modelo de pesquisa-participante. Abaixo, são especificados os atores sociais do estudo, bem como os procedimentos, as ferramentas e as sequências elegidas para a aplicação da proposta.

Atores sociais do estudo

Os atores sociais envolvidos no *Relato de Caso* foram:

- Um aluno da graduação em Letras que ficou à frente da organização da Mostra de Literatura Indígena e também atuou nos diálogos entre escola e biblioteca. O aluno também ocupou variadas funções dentro do processo, tais como: organizou a exposição, fez a coleta de dados e analisou os dados específicos;
- A equipe da Biblioteca Pública que deixou o espaço livre para que a intervenção acontecesse;
- Uma escola privada que, durante a visita à biblioteca, permitiu que uma das turmas entrasse em contato com a Mostra de Literatura Indígena e com a programação que estava inserida na Mostra.

Os procedimentos, a coleta de informações e a relação entre os envolvidos – entre pesquisadores e pesquisados

Os procedimentos práticos do presente estudo de caso se deram através do diálogo mútuo entre as partes envolvidas: pesquisadores, escola e biblioteca. Ao explorar o acervo da biblioteca, os/as pesquisadores/as notaram a rica variedade de narrativas não só indígenas, como também de outras culturas e etnias, que poderiam ser expostas na mesa principal da biblioteca, mesa esta que se destina a mostrar para o leitor as novidades incorporadas ao acervo.

Subsequentemente, estão enumeradas as ações que encabeçam este estudo de caso. Todas elas foram pensadas visando responder à questão-problema deste trabalho. As ações só foram desenvolvidas porque foram consideradas pelos pesquisadores práticas viáveis e acessíveis de oportunizar para o público uma reflexão acerca da temática que esse estudo desenvolve.

As ações, com as suas respectivas descrições, constam abaixo enumeradas:

Ação/Sequência	Descrição da sequência
Busca no Acervo	Foram extraídos, do acervo da biblioteca, livros com a temática indígena para serem expostos na mesa principal da biblioteca pelo período de uma semana.

Exposição na Biblioteca	A Mostra de Literatura Indígena destinou-se a exibir para os leitores livros que tenham sido escritos por indígenas e que explorassem traços da cultura de determinada comunidade indígena, evidenciando, desse modo, a temática dentro da biblioteca. Todos os livros ficaram expostos, durante uma semana, na mesa de aquisições da biblioteca; permitindo que o público visualizasse as obras que antes estavam ocultas no acervo. Esta foi à primeira iniciativa com o objetivo de <i>tornar visível e acessível</i> a produção indígena dentro da biblioteca.
Momento de leitura	O momento de leitura do livro de Daniel Munduruku foi realizada com uma escola da rede privada que, mensalmente, frequenta a biblioteca com o intuito de discutir sobre temas do meio ambiente – sendo orientados, desse modo, pelas professoras de Ciências e de Língua Portuguesa, respectivamente. Durante a semana em que ocorreu a exposição, a escola visitou a biblioteca e teve a oportunidade de ouvir e discutir sobre a narrativa de <i>KarúTaru</i> .
Espaço para empréstimo de livros e discussão sobre a língua e a cultura indígena a partir das leituras compartilhadas	Os grupos de alunos foram incentivados a retirar livros com a temática indígena. Com isso, esperava-se que os alunos refletissem sobre as particularidades da escrita/temática/cultura/língua de uma específica comunidade indígena. Os pesquisadores pediram para que os discentes observassem como a língua destes povos está inserida dentro das narrativas dos livros que foram escolhidos pelos alunos. No momento de discussão sobre as obras, feito após a leitura do livro de Mundurku, os pesquisadores começaram o debate acerca da importância cultural e linguística das outras línguas presentes no Brasil. A questão que suscitou e ancorou essa conversa com os alunos foi: “por qual motivo é importante valorizar e manter uma língua falada por uma determinada comunidade linguística?”

Contar histórias para tecer (novos) aprendizados: a descrição do estudo

Em um primeiro momento, a Biblioteca inseriu em seu espaço uma pequena exposição dos livros retirados do acervo e inseridos na mesa de aquisições. Esses livros foram previamente selecionados pelos pesquisadores. O público que sempre espera alguma novidade literária ao visitar a biblioteca, se permitiu folhear alguns livros que estavam presentes na exposição. Durante a ocasião em que o público interagiu com as obras presentes na exposição, se ouviram questionamentos se havia alguma data comemorativa em alusão aos povos indígenas naquela semana. Logo, foi explicado que se tratava de uma semana de consciência linguística, denominada de Mostra de Literatura Indígena, em que livros de autoria indígena seriam evidenciados, a fim de se pensar na língua e nos traços da cultura dessas comunidades linguísticas.

Nos dias subsequentes, o espaço da biblioteca recebeu uma das escolas que regularmente visitam o espaço. Com os alunos dessa escola, os pesquisadores realizaram a contação da história de duas narrativas: a primeira história, escrita por Daniel Munduruku, chama-se *KaruTarú*. Em seguida, aconteceu o empréstimo de livros que integravam a exposição. Foram realizados três empréstimos. Os estudantes ainda vasculharam os livros que estavam expostos, cumprindo com um dos objetivos deste trabalho, que é oportunizar aos leitores o contato com as produções indígenas.

Importante salientar que, além das questões supracitadas na introdução, que foram importantes na condução do diálogo com os alunos, outras indagações foram suscitadas pelos pesquisadores durante a contação de histórias. Todas essas questões têm o objetivo de fazer com que os discentes também pudessem trazer seus conhecimentos e preceitos, movimentando a iniciativa de aliar política linguística e o ensino de literatura. Questões como: “por qual motivo é importante conhecer a língua de uma determinada tribo indígena e as particularidades culturais que estão inseridas nesta comunidade?” ou “Por qual motivo é importante ler histórias produzidas por membros de comunidades indígenas?” foram levantadas no decorrer do diálogo.

Os grupos de alunos, de modo geral, se mostraram tímidos inicialmente para responder as questões propostas. Em seguida, com a ajuda de um dos pesquisadores, os alunos foram se mostrando à vontade para emitir sua opinião, todas ancoradas numa ideia de que “o diferente, e aquilo que não é conhecido, também é bom”. Esse método de auxiliar os alunos em suas interações é caracterizado como um ato de mediação e de pesquisa-participante.

O debate após a leitura foi incrementado após um dos pesquisadores dizer que “se o diferente é bom, a língua deles também deve ser incrível, não?”. “Sim”, responderam as crianças. “Mas vocês sabiam que a língua deles está deixando de existir?” – todos olham espantados – “Sim!”, continuou o mediador. “Imagina se um dia nós esquecemos as palavras da nossa língua e nossos filhos não souberem falar a língua que nós estamos falando, neste momento. Não seria ruim?”. Neste momento, se configurou um teor de diálogo muito importante, o que pode ser considerado como o início de uma pesquisa qualitativa, em modo de conversa.

Os estudantes deram respostas paralelas ao questionamento e logo o debate se eferveceu, atraindo todo o tipo de resposta, tais como “Mas eu vou ser velho o suficiente para ensinar meu filho, eu nunca vou morrer!”, “Mas eu vou deixar cartas para meu filho, assim ele saberá escrever e vai ter que aprender a ler sem mim”. “Mas eu vou...”.

Foi ouvindo a cada solução levantada pelos alunos que os pesquisadores refletiram que “por isso é importante conhecermos estas histórias, tomarmos conhecimentos das culturas destes povos, nem que seja um pouquinho. Essa é uma maneira de preservar a língua deles também, assim como queremos preservar a nossa. Não é justo? Será que não poderíamos inventar coisas para ajudá-los a preservar a língua deles também?”⁵.

A contação de histórias durou cerca de cinquenta minutos e, logo após o debate, os alunos puderam folhear mais livros selecionados na Mostra de Literatura Indígena. Importante frisar também que os livros separados para a exposição foram disponibilizados para que as crianças tivessem acesso a eles, podendo-os levar para a casa por meio de empréstimo domiciliar.

O tipo de intervenção descrito por esse estudo tem a intenção de visibilizar à pluralidade presente em nosso país, posto que se julga que as diferentes culturas estão visíveis, mas não são escutadas e ouvidas. Falar sobre elas, evidenciar produções que partem delas e tentar compreender o funcionamento destas é um dos papéis do presente Relato de Caso. Enquanto sujeitos que antecedem o ato de pesquisar consideramos que ao tratar da pluralidade brasileira, englobados estão não apenas a cultura, mas, sobretudo a língua, que se vê evidenciada diante de uma dominação linguística que, aparentemente, todos acham que é a “língua ideal”, como o português brasileiro. Por isso, esse estudo se mostra importante, haja vista que foi realizada uma intervenção que tirou a língua predominante de um “ideário”. Evidenciou-se, na prática, que o território brasileiro é feito de variadas línguas e culturas.

Acerca disso, Denise Machado (2012) *apud* Pereira (2011, p. 17)⁶, dirá que:

5 Esses diálogos que entrecruzam o texto foram extraídos dos áudios obtidos durante a prática de pesquisa que foram transcritos após a experiência findar e que compõe parte da análise.

6 MACHADO, Denise. Fontes de Informação sobre as etnias indígenas e afro-brasileiras para o âmbito escolar. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia. 2012.

o Brasil é palco por onde desfila o espetáculo da diferença. Um lugar marcado por profundo sincretismo e intensa mistura étnica que torna o povo brasileiro tributário de muitas histórias e diversas experiências. Ser brasileiro é estar sendo, ao mesmo tempo, de um jeito que é um acúmulo de inúmeros os jeitos, modos, formas e experiências.

Questiona-se, portanto, por qual motivo temos apenas uma interface predominante, por qual motivo apenas “uma língua” conta a determinada história de um país e, por qual motivo, não são estabelecidas políticas linguísticas⁷ que se voltam para outras línguas que, de igual modo, contam um pouco mais da história do país? Fazer uso da literatura a favor de uma subversão imaginária é um caminho para ampliarmos o leque das possibilidades linguísticas nos currículos escolares. O presente estudo evidencia que é possível, porque parte da ideia de que através da ação, certamente muitas crianças e jovens passarão a pensar sobre a temática, compartilhando com suas famílias e com sua comunidade de pertencimento.

Os gestos que resultarem dessa ação de consciência linguística são frutos de um esforço que tem por finalidade retirar os sujeitos de uma zona de acomodação que pensa e imagina a língua como única. Ao situar os alunos fora dos seus lugares linguísticos, e fora de seus parâmetros preestabelecidos, os pesquisadores têm a oportunidade de tornar concreta a intervenção que almeja mostrar parte da variedade das línguas e das culturas circundantes no território brasileiro.

Sobre as propostas que partem das comunidades linguísticas indígenas e que, certamente, parte de outras comunidades linguísticas também, Cunha (2008, p. 157) explica que

a vontade dos índios e sua consciência política pautada no interesse coletivo pode reverter o conhecimento adquirido através do ensino em benefício para sua comunidade de origem. Mostram, ainda, que eles próprios são os principais atores políticos das ações envolvendo o seu povo, seja em relação à língua, ao ensino ou a qualquer outro direito coletivo.

No que tange à narrativa de cada um dos livros, é apresentado, a seguir, algumas particularidades linguísticas e literárias que apareceram nas duas obras usadas por este Relato de Caso. Foram consideradas a presença de palavras no idioma do enredo, e de como é dada a estrutura de cada uma das histórias. Na tabela, também é possível encontrar comentários de cada pesquisador sobre as particularidades encontradas.

Tópico/Livro	<i>KaruTarú</i>
Estrutura narrativa	Discurso indireto
Vocabulário	Simple contrastando prosa e poesia - característica da modalidade oral.
Temática	Valorização da tradição passada pela oralidade. Os desafios a serem enfrentados diante da vida.

Na história apresentada, o cenário desenvolvido se situa dentro das próprias comunidades, com aspectos que pertencem a cada uma delas. São notabilizadas características de seus modos, de suas práticas e vivências, como se estivessem exibindo e compartilhando o seu mundo com os/as membros/as de sua comunidade e com tantos outros interessados.

O pequeno Karú não queria que ninguém o tratasse de forma diferente. Por isso gostaria de participar da *vida comunitária* como todos os outros e ficava atento para o que acontecia ao seu redor. Um dia, quando se encaminhava para a *casa do pajé*, ouviu um barulho estranho que vinha de um *matagal próximo*.” (MUNDURUKU, 2002, p. 9, grifo dos autores).

⁷ Sabe-se aqui muito bem que há políticas linguísticas sendo desenvolvidas nesta área. Mas o questionamento aqui se volta para a ideia de “só”, mediante a pluralidade e vastidão de línguas presentes no país.

Sobre as particularidades literárias de cada uma das produções usadas nesta experiência e a sua relação com as políticas linguísticas,

pode-se dizer que a escritura indígena é coletiva porque expressa o que é comum, o resultado de um consenso, e é política também porque reordena a coletividade a partir das vozes de seus representantes. Enquanto a tradição literária europeia se baseia na textualidade (ou representação), a literatura indígena serve-se da territorialidade, numa ligação profunda e visceral entre a terra e a escritura. Além disso, quando se reflete sobre literatura indígena, o próprio conceito de literatura deve ser posto em questão. É necessário pensar a literatura como prática social de determinado grupo e, dessa forma, cada literatura teria sua própria literariedade. No caso da indígena, é preciso verificar as relações da prática literária com a aquisição de domínio da escrita alfabética e da língua portuguesa, com os usos do livro e práticas de leitura, com a luta pela garantia de direitos e reconquista da terra. A escritura indígena produz uma exceção, um desvio no sistema literário brasileiro, delineando um novo estilo, uma nova estética, de extraordinária força comunicativa. (GUESSE, 2013, p. 03).

A ligação entre terra e escrita, entre prática e língua, entre fala e atitude é o que instiga os pesquisadores a pensar que, ao exhibir estas obras para os estudantes, está se fazendo Política Linguística. Discutir esses outros modos de enxergar a língua em toda a sua amplitude é intervir contra a ideia de que no Brasil só é falada o Português Brasileiro. Ao trazer para os estudantes a noção plurilíngue e de pluricultura presentes em nosso país, estamos oportunizando novas reflexões que podem desencadear novas ferramentas capazes de fazer com que estas línguas não se percam.

Por isso, o resultado deste estudo não poderia ser mais satisfatório. A Biblioteca transformou-se em um canal de múltipla aprendizagem, convertendo o momento de leitura em um momento de reflexão. A questão-problema deste estudo também foi respondida, uma vez que vimos que as produções de autoria indígena podem auxiliar na elaboração de uma nova concepção para a língua quando são abordadas com debate, com participação, e com vontade de exploração por parte de pesquisadores e pesquisados – ato este que aconteceu durante todo este Relato de Caso.

Avaliação dos Resultados

Os objetivos dessa pesquisa foram plenamente atingidos. O primeiro objetivo que previa o levantamento de documentos sobre as temáticas e as culturas indígenas foi alcançado quando os pesquisadores conseguiram reunir material suficiente para compor e estruturar a Mostra de Literatura Indígena. O segundo objetivo que buscava oportunizar um espaço para uma reflexão com base nos documentos reunidos também foi atingido, tendo em vista que a biblioteca abrigou a Mostra de Literatura Indígena. Nessa Mostra, tanto alunos quanto visitantes da biblioteca puderam interagir com esse espaço, refletindo sobre o material nele presente.

O terceiro objetivo também foi concretizado por meio do momento de leitura realizado com os alunos. No momento de leitura, os discentes puderam analisar as narrativas com base em aspectos definidos pelos pesquisadores. O quarto e último objetivo delimitado para o estudo foi atendido quando os alunos reagiram aos questionamentos feitos pelos pesquisadores. Foi notável que a dinâmica de leitura serviu como momento de consciência linguística para os alunos presentes.

Os resultados obtidos mostram a validade desse estudo (aplicação) visto que o público-alvo esteve não só “interessado” como também se aproximou do contexto e da problematização que foi fomentada ao tratar destas línguas e das culturas que até então estavam distantes dos alunos que participaram da Mostra de Literatura Indígena. Em relação às possibilidades futuras, acredita-se que esta pesquisa servirá como um parâmetro para novas instalações em outros nichos sociais – sejam eles espaços escolares ou outros espaços públicos possíveis de divulgação.

Considera-se importante discutir essa temática, pois ela serve como uma forma de promover e possibilitar novas noções sobre as línguas faladas no Brasil. Essa ação foi uma tentativa de incitar

uma ética que instaure nos sujeitos a alteridade. Esse estudo auxiliou a instaurar na realidade do não índio o que aquelas culturas e línguas de comunidades indígenas consideram ser coletivas e indissociáveis, o bem comum. O bem comum se caracteriza como sendo um elo mediador entre o meio ambiente e seus atores sociais que se constituem enquanto sociedade. Na prática do bem comum são valorizados os costumes e as tradições milenares que se fundam e são transmitidas por meio de narrativas orais. Com o advento da aquisição da escrita, essas narrativas se firmam por meio da literatura como uma forma de subsistir diante da cultura dominante. Neste sentido, conforme Munduruku, a arma do índio deixa de ser o arco e flecha, pois: “[...] *a palavra é a minha arma, uma flecha poderosa.*”

Sabe-se que é algo novo intervir a partir de crenças instituídas, mas também é recompensador saber que os erros, os entraves, e “aquilo que não funcionou”, serve como vetor de inspiração para aprimorar os próximos experimentos linguísticos. Certamente, ver doze alunos entrando em contato com um novo mundo é o que mais deixou os pesquisadores desse estudo saciados. O resultado disso são as novas e vindouras práticas para se pensar as línguas, para intervir nelas, para projetar ferramentas para elas. Afinal, intervir por meio das Políticas Linguísticas se torna cada vez mais necessário.

Considerações Finais

As considerações finais deste Relato de Caso trazem os comentários críticos dos pesquisadores envolvidos no desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, são apresentadas reflexões pontuais a respeito da temática. São avaliados aqui a relevância do estudo e as aprendizagens para a prática profissional enquanto agentes de Política e Planejamento Linguístico (PPLs). Novos e abrangentes questionamentos, de igual modo, constituem essas finais considerações.

A partir deste exercício propiciado pela Mostra de Literatura Indígena, pode-se ampliar o conhecimento acerca da engrenagem do tecido social brasileiro, conhecimento esse que está distante da maioria das pessoas no que tange à pluralidade cultural e linguística do nosso país. A diversidade social brasileira se constitui por uma variedade de línguas e culturas distintas que não estão visíveis ao grande contingente da população. A partir desta pesquisa, tem-se também a oportunidade de se apropriar não só das perspectivas teóricas acerca do panorama político, histórico, econômico e social no que diz respeito às políticas linguísticas instauradas no país, como também se pode experimentar e legitimar em nós a possibilidade de sermos agentes linguísticos. A partir daí, elaborou-se um estudo de caso – gestão *in vivo* – sobre as literaturas de expressão indígena.

A relevância do estudo de caso foi delineada a partir do interesse em promover essas duas vertentes literárias, as quais fazem parte do cenário literário brasileiro e que não estão alinhadas com as demais produções literárias em língua portuguesa. Esse apagamento reflete os interesses das camadas sociais na nossa sociedade, dado que as literaturas de expressão indígena sempre ficam minorizadas nesse espectro social.

Nesse sentido, as ações que envolveram o estudo de caso visaram proporcionar novos olhares e novas percepções sobre os saberes linguísticos e culturais indígenas. Essa visão vem ao encontro do que Daniel Munduruku busca em suas produções literárias, que é promover a compreensão de novas concepções sobre a língua e a cultura como uma forma de dar visibilidade às escrituras e às temáticas indígenas em ambientes não-indígenas.

Referências

- CALVET, Louis-Jean. **As Políticas Linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola. 2007.166 p.
- CARDOSO, Rafael Edson. **A recente literatura indígena: a história que não nos contaram**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- CUNHA, Rodrigo Bastos et al. **Políticas de línguas e educação escolar indígena no Brasil**. Curitiba: Editora da UFPR, Educar em Revista, 2008.
- MACHADO, Denise. **Fontes de informação sobre as etnias indígena e afro-brasileira para o âmbito**

escolar. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

GONÇALVES, Karen Regina. **Identidade cultural indígena: interpretações da obra Histórias de Índio.** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

DOS SANTOS, MARISETE SILVEIRA. **A cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.** 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Prática escritural indígena: língua e literatura fortalecendo a identidade e a cultura.** Araraquara: EDUFU, 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas brasileiras.** Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,Aryon_Dall%C2%B4Igna.pdf> . Acesso em: 11 jun. 2018.

Recebido em 25 de março de 2018.

Aceito em 26 de julho de 2018.